

DANÇA, EXPRESSÃO E RITMO NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO UNIABEU: ESTUDANDO AS DESISTÊNCIAS DO GRUPO

Bernardete Amaral

bernardetepaula.amaral1@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8623336549312252>

Davi Diego Santos

Davi.diego1805@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6828389374156217>

RESUMO

A dança é um conjunto de informações que são passadas ao público que a assiste. Informações que podem ser interpretadas de muitas maneiras considerando a opinião de cada um dos presentes na platéia. Porém é no palco que se encontram os autores desse fenômeno entendido nesse estudo como “arte de dançar”. Diante desse fato foi criado no espaço acadêmico do Centro Universitário UNIABEU um grupo de dança cujo desejo é esse: expressar a arte de dançar. No entanto, nem sempre as questões iniciais apontadas num projeto podem ser as mais acertadas. Foi necessária a iniciativa do mesmo para que, depois das primeiras práticas em dança, se fizessem os primeiros e necessários ajustes. Assim, o presente estudo acadêmico teve como foco analisar e identificar a primeira problemática do grupo, ou seja, a desistência dos participantes do grupo Dança, Expressão e Ritmo, do Centro Universitário UNIABEU, após o primeiro ano de atividades ligadas ao PROBIN (Programa de Bolsa de Iniciação Científica). Além do estudo das desistências, outra questão levantada pelo estudo foi pensar nas possibilidades de reverter esse quadro para que o grupo pudesse continuar com as atividades no espaço universitário. Para isso foi realizada uma pesquisa com 15 (quinze) participantes desistentes, onde o intuito era levantar informações pertinentes a solução dessa situação problema. Foi utilizada uma metodologia de pesquisa participante e exploratória, pois o intuito do estudo foi levantar dados para análise e possível solução do problema. Considerou-se ao final deste estudo que o foco do problema das desistências estão relacionados a distribuição do tempo com a conciliação de trabalho/faculdade/grupo de dança. Em tempo nessas considerações apresentam-se as possíveis soluções para o problema.

Palavras-chave: Dança; Corpo; Motivação.

Introdução:

A dança em si não é um mero gesto motor. Não, pelo menos, para aquele que dança. A dança é um conjunto de informações que são passadas ao público que assiste. É um diálogo, uma conversa sem palavras, um simples gesto que comunica. Se fossemos comparar a uma literatura, a coreografia seria o texto; o gesto motor seria as palavras; o corpo que dança seria os olhos que leem. A dança é como podemos ler nas palavras de BARBOSA (1978):

... Uma arte de comunicação, de ideia e de emoções. Não só a técnica, mas também uma participação interior, pois desta maneira elevamos o nosso espírito e educamos o nosso corpo. Seguindo este caminho,

podemos alcançar um dos objetivos da arte: a comunicação com o público. (BARBOSA, 1978, p. 10)

Falar da dança tornou-se relevante para este estudo acadêmico, pois esta percepção do dançar citada nos permite um entendimento mais reflexivo sobre o grupo Dança, Expressão e Ritmo, grupo de dança criado no espaço universitário do UNIABEU.

A criação oficial do grupo ocorreu no primeiro semestre do ano de 2013, pois tornar-se um projeto vinculado ao PROBIN (Programa de Bolsa de estudos e Iniciação Científica), com intenção de disponibilizar o espaço universitário à aprendizagem da dança, além da pesquisa científica oriunda das situações-problemas ocorridas no dia a dia do grupo. Surge então a problemática que se faz presente como objeto de estudo: Qual motivo levou e leva a desistência os participantes que se inscreveram no início da criação do grupo, através de audição realizada para inscrição dos mesmos no grupo de dança? Assim surgem em meio a essa problemática algumas hipóteses: Considerar o perfil dos participantes para a formação do grupo; ter alguma ajuda ou custeio dos estudos na faculdade com a participação (bolsa de estudo); e adequação do horário em função da disponibilidade do participante. Essas hipóteses nos permitiram delimitar o tema e o problema para o trabalho com o seguinte recorte: Estudando as desistências do grupo Dança, Expressão e Ritmo no espaço universitário do Centro Universitário UNIABEU. Assim entende como objetivo geral deste trabalho identificar e analisar os motivos que levaram as pessoas desistirem de dançar no grupo de dança, depois de seu ingresso e propor possíveis soluções para que as mesmas sintam-se motivadas a se incluírem novamente no mesmo grupo. Dessa forma, os objetivos específicos tornam-se necessários em: 1. Fazer um breve levantamento literário dos conceitos: Dança, Corpo, motivação e inclusão; 2. Levantar, identificar e analisar dados relacionados às desistências; e 3. Considerar possíveis soluções para permanência e aderência de novos participantes do grupo com o intuito de se expressarem através da dança e do ritmo.

Metodologicamente o trabalho classifica-se como qualitativo, pois o tamanho da amostra aqui estudada não seria suficiente para ter-se uma conclusão sólida ao estudo. Este estudo será uma diagnose para futura tomada de decisão no que tange a permanência dos participantes ingressantes e captação de novos participantes para o grupo de dança em meio ao centro universitário. Trata-se aqui de Pesquisa participante,

onde o pesquisador participa, compartilha e vivencia com sujeitos pesquisados (SEVERINO, 2007), neste caso os pesquisadores participam dos problemas que acontecem com a evasão dos participantes do grupo de Dança, Expressão e Ritmo por serem estes o monitor coreógrafo e a coordenadora do grupo. Com relação aos objetivos trata-se de estudo exploratório por levantar informações sobre determinado objeto de estudo (as desistências do grupo de dança), delimitando assim o campo de atuação do pesquisador (SEVERINO, 2007). Assim pretende-se abordar as pessoas que participaram da Audição em maio de 2013, e que por algum motivo, estiveram ausentes das atividades que eram inerentes ao grupo de dança ao final daquele ano. Dos 40 inscritos no programa inicialmente, participaram da audição 30 pessoas. No entanto continuaram frequentando as aulas do grupo de dança entre 10 (dez) e 15 (quinze) pessoas. Ao final do período letivo, apenas entre 7 (sete) e 10 (dez) participantes. Para o grupo de desistentes foi realizada uma entrevista com objetivo de levantar questões pertinentes à saída dos mesmos, ou a não continuidade no programa. Para captação de novos alunos foi realizado, com o grupo de participantes, divulgação do grupo nas turmas dos cursos de ensino superior do centro universitário, principalmente com os ingressantes do primeiro período. Para dar um suporte teórico ao estudo, foi realizado um estudo bibliográfico pertinente aos assuntos: dança, corpo, motivação e inclusão.

A dança quebrando paradigmas de suas vias tradicionais

Ao refletir sobre a história da dança analisamos que esta manifestação vem desde os tempos primitivos. Observou-se que os gestos motores analisados à luz do que assistimos hoje como dança, são bem parecidos. Barbosa (1978) fala da dança como uma das artes mais antigas, referindo-se a estas manifestações que ocorriam de forma mais prática, como por exemplo: a caça, guerras e a religiosidade. Estas lembram a dança por fazer gestos ritmados antes da caça, das guerras, ou mesmo como um símbolo religioso ou de rituais. Esta abordagem, no entanto não nos garante que aquelas pessoas que faziam estes gestos sabiam que estavam dançando. Essa interpretação é embasada em autores que escrevem sobre a dança na modernidade, que viam a dança naqueles

gestos. Porém não há nada que comprove que os primitivos reconheçam tais gestos como à arte de dançar.

Na abordagem da dança como quebra de paradigmas recorre-se as vias do balé tradicional e o seu rompimento com a chegada da dança moderna, inclusive o jazz. Abordam-se as vias tradicionais do balé, por se acreditar que esta tenha uma influência na estruturação do perfil do bailarino ou dançarino que temos hoje. Podemos entender de forma mais simples que o balé clássico é uma modalidade de dança que exprime seus movimentos de forma mais leve, sutil, porém técnica e disciplinar. O balé clássico surge na Academia Real de Dança, no século XVII. Tem como precursor Luis XIV no ano 1661. Seu modelo inicial sofre adaptações e ajustes ao longo de todo tempo, porém a base que é pautada na disciplina e muita concentração dando um toque sistemático a esta modalidade de dança que perpetua até hoje. A rotina do balé clássico visa o treinamento com ênfase na sustentação, equilíbrio, sapatilhas de ponta e um corpo magro, o que está internalizado pelos bailarinos nos dias de hoje, inclusive, apesar de não existir dados científicos que expressem que para dançar sejam necessárias tais características. (HASS: 2010, p.183)

Mais tarde, com o surgimento da dança moderna indo contra o modelo rígido do balé clássico, aparece algumas quebras de paradigmas desse modelo de dança. A pioneira neste novo formato seria a bailarina Isadora Duncam que tem como pensamento a expressão natural do ser humano no dançar dos seus sentimentos. Assim nos fala Barbosa (1978) que a bailarina Isadora, sob o ponto de vista coreográfico, não obedecia nenhuma regra fixa. É capaz de improvisar sua dança numa espécie de imitação da natureza, dos movimentos das ondas do mar, das folhas das árvores, entre outros, fugindo dos rigores do balé. Certamente que a dança moderna surge com o intuito de quebrar com essa corrente mais clássica, rígida do balé. Essa expressão de dança vem apresentar um novo conceito para a arte de dançar. Ao contrário do balé “as coreografias modernas procuravam conferir conteúdos e discurso aos movimentos, expressando significados que tornam a dança uma linguagem que vai além do virtuoso”. (SIQUEIRA, 2006, p. 101).

Na dança contemporânea usa-se o corpo para transmitir uma linguagem gestual e ritmada sem que se prenda a técnicas rígidas e inflexíveis. Reúne diversas técnicas de varias culturas do mundo. Para Siqueira (2006, p. 101) é uma conceituação do tipo “guarda chuva”, onde cada um produz obras que são frutos de influências culturais, sendo a diversidade umas das marcas da dança contemporânea, libertando de uma visão cultural homogênea. Barbosa (1978) exemplifica esse fato na modalidade jazz que tem sua origem nos ritmos africanos, porém suavizados com influências do balé e, também com a destreza da dança moderna, evoluindo e tomando forma significativamente nos Estados Unidos. Haas (2010) também menciona que o jazz ganha sua estrutura mais efetiva através dos musicais que tem seu auge na Broadway (EUA), onde se observa uma mistura de outras modalidades de dança, além de uma expressividade do desempenho do balé, incluindo a este outra arte que é o “cantar” de seus bailarinos. A respeito do balé clássico nos musicais, Haas (2010) aponta o rigor exigido nos ensaios com a utilização de piruetas e saltos desenvolvidos no balé que se fazem presentes no jazz. Assim, entende-se que foi a dança moderna e o jazz as danças precursoras dos movimentos mais livres da dança. Não tão desconectados das técnicas do balé, mas também, não tão rigorosos como este. Hoje se acredita que os vários estilos de dança que vem surgindo devam-se a essa quebra de paradigmas que ocorreu na história da dança, abrindo um espaço para chegada de novos ritmos que venham de encontro ao que se deseja com a expressão corporal e com o dançar.

O corpo nos tempos modernos repensando a dança

Estudar sobre o conceito de corpo torna-se importante para este artigo, pois a ideia de corpo pode estar ligada a corpo ideal e não corpo como ele existe efetivamente, independente de sua plasticidade¹. Assim Daólio (2011) nos explica que o “corpo” pode ser entendido como um espaço privilegiado possível de se encontrar um duplo significado: corpo estado de “natureza” e corpo estado “social”. No primeiro é possível identificar características de qualquer ser humano, braços, pernas, tronco, cabeça, mãos e pés. No

¹ Entendemos Plasticidade neste estudo como o que pode tomar ou receber diferentes formas pela moldação ou modelação. (Dicionário Priberam da L. Portuguesa, <http://www.priberam.pt/em> 23-05-2015)

entanto é no segundo, o corpo social que vamos encontrar as regras que diferenciam os homens uns dos outros em sociedade, ou ainda como o autor explica em suas palavras:

Assim o mesmo corpo que torna os homens iguais e membros da mesma espécie também os torna diferentes, e não há nisso qualquer paradoxo, porque a igualdade e a diferenciação são aspectos da mesma questão. Na medida em que a igualdade é tomada como critério, é possível perceber a diferenciação e vice-versa. (DAÓLIO: 2011, 73-74)

É possível entender que corpo é humano com suas partes e membros e, é ao mesmo tempo um espaço de construção cultura e social. Assim também é a imagem que temos sobre o nosso corpo e o corpo dos outros. Para refletirmos esse corpo em movimentos ritmados recorreremos à dança. A dança, nos tempos atuais assume conceito bem contemporâneo onde entendemos que dançar seja a capacidade de expressar-se através de movimentos ritmados, coreografados produzidos através de uma música ou não. A expressão é a representação da linguagem corporal que apresenta determinado tipo de dança. Temos no ritmo um fator primordial para a dança, em função dos gestos motores característicos e coreografados. Assim podemos considerar a “dança uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem. Pode ser considerada como linguagem social que permite a transmissão de sentimentos, emoções da afetividade vivida nas esferas da religiosidade, do trabalho, dos costumes, hábitos, da saúde, da guerra, etc” (COLETIVO DE AUTOTES: 2009, p. 81) como também uma escultura de corpos com sua plasticidade moldada em torno de um tema que gera a coreografia.

Relacionamos o corpo com a dança neste estudo pelo fato de se poder imaginar o dançar de um ser como um corpo realizando movimentos através de gestos motores. Como vimos anteriormente o imaginário não pode ser apenas entendido nessa esfera do corpo “natureza”. Precisamos considerar também um corpo “social” que também dança. Nesse contexto o estudo entende que através da dança podemos estabelecer interações sociais, onde um bailarino ao interagir com o outro o faz por estabelecer uma linguagem própria de comunicação não verbal. Siqueira (2006) nos permite entender que o conceito de corpo visto ao longo do tempo pode influenciar na dança que vemos atualmente, pois as modificações provocadas por técnica e tecnologias na cultura se refletem no corpo e, conseqüentemente, na dança. Nos tempos modernos, com o surgimento do capitalismo,

por exemplo, o corpo passa a ser um produto, onde a publicidade cada vez mais projeta características de um corpo ideal, um perfil almejável e com exigências fisiológicas cada vez maiores para obtenção desse êxito. Assim o corpo acaba transformando-se em mercadoria². Podemos entender que a influência da mídia por meio de ideologias propõe questionamentos dos significados do corpo e assim uma construção de característica que irá traçar um perfil almejado pelo próprio bailarino/dançarino, que poderá influenciar em uma nova visão de como um praticante de dança deverá se apresentar ao público. Nesse contexto aparece a procura do bailarino/dançarino por possibilidades de adequação desse perfil ao novo perfil que vem a tona:

Este distanciamento do corpo físico tem-se dado também em função das influências das mídias tecnológicas que nos dias de hoje colocam em questão a própria corporeidade e os significados do corpo através de um esfacelamento das fronteiras físicas e limites intelectuais que antes o corpo representava para o ser humano. (MARQUES: 1998, 36.)

É comum o bailarino de hoje repensar as suas habilidades e performances com a dança considerando muitas vezes o que é proposto pela mídia. No entanto vale lembrar que a busca dessa adequação faz o corpo virar um sujeito dentro desses ideais. A preocupação de como esse corpo se apresenta a sociedade pode ser uma preocupação daquele que pratica a arte de dançar sim, mas o tamanho e o exagero disso tudo pode vir a ser um grande obstáculo para este mesmo bailarino que vê na dança uma arte. Assim, outras dimensões e não tão somente estas precisam ser consideradas pelo bailarino/dançarino. O peso deste perfil, a dimensão com relação às influências por meio social vindos da mídia e as possíveis limitações estabelecidas pelo corpo poderá ser um fator de influência para um praticante de dança desistir de dançar. Fátima (2001) nos faz refletir que para a bailarina sua imagem corporal está sempre em evidência e faz parte de sua rotina, portanto a dança trabalha sempre com o corpo e através deste que a bailarina vivencia diferentes emoções e transmite a estética da coreografia. Ou seja, mesmo que a dança vista na história se liberte dos rigores da disciplina em busca de um dançar mais

2 Entende-se corpo mercadoria (SILVA : 2001, *in Corpo, Ciência e Mercado*) “ corpo moldado e vendido por um mercado constituído por academias de ginásticas, clubes esportivos, medicamentos e produtos de beleza, manuais de dietas, entre outros recursos desta natureza”.

prazeroso, é possível que influências externas, midiáticas ou não, estabeleçam padrões de plasticidade a que venham influenciar nas decisões daqueles que desejam dançar.

Quando a motivação é fator significativo na decisão de se incluir no “dançar”

Pensar na dança como um estímulo que o ser humano pode almejar e através de seus gestos únicos e pessoais se expressarem, levou este estudo a refletir em como o desejo de dançar poderia ser aceito partido de um fator motivacional. Assim tornou-se necessário entender até que ponto a motivação pode interferir como fator de decisão nessa hora: eu posso ou não posso dançar? Posso me incluir num grupo de dança ou apesar de gostar muito, não posso, pois não tenho as características necessárias para me incluir? Ao pensar em motivação é preciso entender que este é um fator intrínseco ao ser humano. Tais fatores internos que normalmente nos motivam são capazes de gerar ações e atitudes para estes, que nos despertam para seus desejos e anseios. No entanto os estímulos que são os fatores extrínsecos (externos ao ser) podem ser considerados como cenário propício à motivação, mas também e ao contrário do que muitos dizem, pode funcionar como um desestímulo, provocando o efeito contrário. É possível compreender que os estímulos trazem como resposta a motivação. Quando isso acontece pode inspirar às mudanças, as transformações. Para Samulski (2009, 168) “a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, a qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos).” Partindo dos fatores extrínsecos, estes podem ser estimulantes ou desestimulantes. Isso vai depender do quão motivado ou não o ser se perceba. Assim observa-se características estruturando um perfil vindo das publicidades e da mídia, supervalorizando o corpo, expondo-o como produto predeterminado onde a plasticidade do belo e do perfeito são referências de corpo ideal para determinado fim. Nesse caso os que não se enquadram estarão excluindo. Nesse estudo isso pode estar relacionado ao grupo de dança. O desejo de se incluir em qualquer grupo de dança pode ser abalado quando este “ser” percebe que só quem pode dançar é um ser magro, esbelto, que tenha tempo disponível para se dedicar a dança e por último, que saiba ou tenha facilidade para aprender a dançar. Contudo que vimos até aqui, isso pode ser considerado uma grande falácia. Então o que seria mesmo

a inclusão, neste caso? Ao se falar de inclusão, percebe-se que esta é uma discussão de muitos nos dias de hoje.

Quando pensamos em inclusão devemos reconhecer os limites em que os aprendizes se apresentam, seja de forma cognitiva ou motora e gestual. Na assimilação de um movimento fora ou dentro de uma coreografia, ou até mesmo na dificuldade de interpretar a ideia que a coreografia queira transmitir, ou mesmo pensando nos gestos motores que impossibilitam este indivíduo na execução dos movimentos pelas limitações vindas do corpo ou até a própria dificuldade de coordenar o movimento são nessas situações ou em muitas outras é que percebemos o quanto que as pessoas podem ser diferentes. No entanto é no lidar com essas diferenças que nos permitimos pensar numa possibilidade de inclusão. Inclusão não pode ser entendida aqui neste texto como um mero ato de “colocar dentro do pacote”, ou melhor, “colocar dentro da coreografia”. É preciso deixar de enxergar as diferenças, sinalizando-as, mas sim as entendendo para contextualizá-las. Há espaço para todos. Mas para isso é preciso fazer o que tanto fala o nosso poeta da educação Rubem Alves “A diferença está nos olhos de quem as vê!” ou melhor, deixar de ver com os olhos e começar a sentir com o coração.

Tantos limites e empecilhos podem aparecer pelo fato que precisa ser considerado aqui do cotidiano atribulado, com muitos afazeres e responsabilidades, que muitos têm. Muitos nunca tiveram oportunidade de dançar quando ainda eram pequenos. Então o seu crescimento fisiológico seguiu o fluxo normal, dando a esse corpo um limite fisiológico de flexibilidade articular, alongamento, força, equilíbrio, entre outras características da coordenação motora. Mas isso pode ser entendido como um impedimento para alguém desejar fazer algo que desperte prazer, como por exemplo, o desejo de dançar? Só porque uma pessoa não tem uma flexibilidade ideal e uma coordenação motora excelente, não podem ser considerado empecilho para não experimentar a arte de dançar. Existem soluções possíveis para esses “problemas” quando existe o desejo de dançar.

São essas e outras situações levantadas e analisadas por este estudo que nos permitiram refletir sobre o que leva o indivíduo pensar em não desejar dançar, ou mesmo se incluir num grupo de dança, mesmo que este queira. Podemos apontar essa hipótese

no caso das desistências do grupo Dança, Expressão e Ritmo. Todos no grupo eram alunos matriculados na faculdade de educação física do Centro Universitário UNIABEU. A maioria trabalhava fora e ainda estudam no contraturno do trabalho. Uns poucos já tinham tido alguma relação com a dança. Outros diziam adorar a dança, mas que eram muito sem “jeito” para a “coisa”. No entanto se inscrevem para participar da audição e no primeiro empecilho, desistem e não aparecem no dia marcado. Neste momento não se incluem no grupo por julgamento próprio de seus motivos. Essa é uma hipótese. No entanto falar de inclusão é bem mais complexo que simplesmente colocar algo ou alguém dentro de um processo e achar que isso é inclusão. Uma abordagem que se torna interessante é falar do princípio da inclusão. Assim Souza e Fonseca (2010) nos permite refletir sobre duas formas distintas, mas que se complementam e acabam tendo suas origens na mesma questão. A primeira que fala sobre o direito que todos têm à prática das atividades físicas sem discriminação, com igualdade de oportunidades e respeito às diferenças e a segunda traz à tona a abordagem que compreende ser o princípio de inclusão como a participação indiferenciada de todos os participantes de um grupo, independentemente de suas prévias capacidades físicas, sociais ou intelectuais, raça ou gênero. Assim este estudo entende que se algum fator extrínseco exista para dificultar o ingresso de um participante num determinado grupo de dança, este poderá desistir de sua participação, bem antes do que se espera. Isso irá de encontro ao mencionado no início desse texto, ou seja, os fatores extrínsecos podem também surtir o efeito contrário ao estímulo. Nesse caso funcionaria aqui como um desestímulo. Com relação às questões que se referem ao grupo Dança, Expressão e Ritmo no entanto, pretende-se apresentar mais adiante o que ou quais fatores foram levantados e analisados para justificar às desistências e não permanências no grupo de dança. Assim, seguimos com o estudo.

O Projeto Dança, Expressão e Ritmo: como tudo começou

O grupo de dança do Centro Universitário UNIABEU foi criado no segundo semestre do ano de 2012. Nessa época era apenas um projeto piloto, não havia um nome específico para ele. Foi criado partindo solicitação de alunos da Faculdade de Educação Física que diziam desejar que em sua faculdade houvesse um espaço para que as

peessoas que estavam ligadas ao universo da dança pudessem desfrutar disso no próprio espaço universitário. Foi em abril de 2013, que toma forma e nome, tornando-se um projeto e passando a se chamar: Dança, Expressão e Ritmo. Em seu início objetivava-se a criação de um grupo com características de formação técnica na dança por parte de seus componentes. Visava a competição, e as apresentações que representassem o UNIABEU no espaço interno e externo a IES. No entanto, foi dentro deste mesmo período que podemos observar como heterogêneo seria este grupo, pois o seu público-alvo seria formado pelos alunos e funcionários da comunidade da IES. Sentiu-se a necessidade de separar os alunos que já tinham uma iniciação em dança daqueles que, apesar de gostar de dançar não tinham um contato mais próximo desses ambientes formadores da dança, como as academias. Assim houve uma primeira audição que reuniu cerca de 40 alunos inscritos. Destes compareceram e participaram da audição 30 alunos. Não houve inscrição de funcionários, embora o espaço também fosse direcionado para eles. Seguindo essa ideia, foram criadas duas turmas no intuito de atender às demandas do grupo, tendo em vista os critérios de iniciados em dança e dos não iniciados: a primeira turma foi direcionada aos participantes que tinham poucas habilidades para dança; e a segunda turma incluiu os que já tinham experiência na arte de dançar.

Ao final do ano de 2013 frequentavam as aulas do grupo de dança entre 07 a 10 alunos, que já se apresentaram e conquistaram, inclusive, premiações para o Grupo Dança, Expressão e Ritmo. Analisando tal quantitativo, entende-se tratar de um número pequeno se comparado ao número de participantes na audição do início do semestre de 2013. No entanto isso demarcou uma grande questão. Onde estavam os outros alunos que demonstraram tanto entusiasmo no dia da audição em participar do grupo de dança? Por que 10 (dez) dos inscritos para audição não compareceram? Onde está o “por que” destas desistências? Certamente que algo estava acontecendo para tamanha desistências, pois se o grupo de dança foi criado para atender a demanda dos próprios alunos do centro universitário, o que estava de errado? Nesse sentido, surge a primeira delimitação de um tema-problema para discutirmos com o grupo. Eis o que será apresentado ao seguirmos com o estudo.

Problema em foco: estudando as desistências dos participantes do grupo Dança, Expressão e Ritmo

Tendo como objeto de estudo as desistências do grupo Dança, Expressão e Ritmo, pode-se observar a seguinte situação problema: qual ou quais seriam os verdadeiros motivos que podem levar um participante, que a priori se interessou pelo trabalho do grupo de dança, mas que por alguma eventualidade não se incluiu ao mesmo, ou melhor, mesmo que tenha participado de alguma avaliação para o seu ingresso (audição, aulas experimentais, entre outros), após isso não tenha permanecido no grupo? Pensou-se a princípio nas seguintes hipóteses para o desinteresse do participante no grupo: Considerar o perfil com relação à autoimagem (peso, altura, beleza, entre outros) por parte dos participantes sentindo-se inadequados para a formação do grupo; Ter alguma ajuda financeira para custeio dos estudos na faculdade com a participação do mesmo no grupo (bolsa de estudo); Não dançar adequadamente para estar no grupo de dança; Adequação do horário em função da disponibilidade do participante.

Partindo destas hipóteses, surge como questão central deste trabalho a necessidade de levantar, identificar e analisar dados que mostrem os reais motivos das pessoas desistirem de participar do grupo Dança, Expressão e Ritmo depois de seu ingresso através de audição. Outra questão seria propor meios para que as mesmas, ou outras pessoas, sintam-se motivadas a se incluírem no grupo de dança do centro universitário.

Nesse sentido foi organizada uma pesquisa com os alunos que participaram da primeira audição em maio de 2013 do grupo Dança, Expressão e Ritmo, e que deixaram de frequentar as aulas e os compromissos firmados com grupo, como as apresentações e competições de dança. Foram entrevistados 15 (quinze) participantes, dos 30 (trinta) que deixaram de frequentar o grupo. Os demais não foram ouvidos, pois alguns tinham deixado o centro universitário e outros não foram localizados. A entrevista consistia numa abordagem individual com estes participantes. Assim responderam a 8 (oito) perguntas que se encontram listadas abaixo. Foram omitidos os nomes dos participantes, sendo os

mesmos tratados aqui como “respondentes”. As respostas foram gravadas³ em CD (Compact Disc). Eis as perguntas:

- 1) O que te motivou fazer inscrição para a audição do grupo Dança, Expressão e Ritmo?
- 2) O grupo de pessoas que você encontrou para fazer a audição te causou alguma impressão? Qual?
- 3) Você pensava que receberia algum tipo de bolsa de estudos ou desconto em mensalidade ao se cadastrar para audição?
- 4) Você gosta de dançar um tipo de dança em especial? Qual?
- 5) Quais eram suas expectativas para as aulas do grupo? O grupo satisfaz essas expectativas?
- 6) Você acredita que existe algum tipo de padrão de corpo para se praticar dança?
- 7) Qual foi o motivo do seu afastamento do grupo?
- 8) Você pretende voltar a participar do grupo? Por quê?

Analisando as entrevistas, o estudo procurou relacioná-las de acordo com a sequência das mesmas. A seguir é apresentado o quadro de análise das respostas:

Nº	QUADRO DE ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS
01	Como resposta a primeira pergunta relacionada a participação da inscrição dos candidatos para o grupo, 10 (dez) dos respondentes disseram desejar aprender mais sobre dança, para melhorar a coordenação dos movimentos. Disseram também gostar de dançar; 2 (dois) gostaram da proposta de trabalho apresentada pelo grupo e 3 (três) apresentaram outros motivos.
02	Com relação à segunda pergunta, desejou-se saber dos respondentes qual a impressão que tiveram ao chegarem e se depararem com a diversidade (relacionadas a corpo, saber dançar, entre outras) de pessoas que encontraram ali. Obteve-se as respostas de 3 (três) pessoas que observaram na maioria das pessoas ali um corpo bem delineado, magro, ou dentro de padrões estabelecidos para ser o “bailarino ideal”. Para esse grupo de respondentes se um corpo estiver acima do peso ideal pode atrapalhar no desempenho da dança; de outros 6 (seis) participantes foi relatado uma preocupação clara com o nível técnico de um bailarino; os últimos 6 (seis) relataram não ter nenhuma impressão, só foram lá participar.
03	Quando foi perguntado se achavam que receberiam algum tipo de bolsa de estudo, 10 responderam que não e 5 responderam que sim, “nem que fosse um desconto!”.
04	A quarta pergunta estava relacionada a qual tipo de dança mais gostavam. O que os respondentes disseram foi: 5 (cinco) deles gostam de vários tipos de dança; outros 5 (cinco) especificaram o street dance e dança de salão e os 5 (cinco) restantes gostam de jazz e balé.
05	Na questão das expectativas dos participantes com o grupo de dança, 12 (doze) disseram esperar uma melhora em sua técnica e desempenho na dança para melhor desenvoltura; outras 2 (duas) responderam estar satisfeitos com as expectativas que vivenciaram no grupo, mesmo num curto período e 1 (um) respondeu não ter expectativa nenhuma, só queria mesmo dançar. Depois em complemento a esta pergunta, ou seja, se o grupo satisfaz a expectativa deles os 15 disseram que sim, a não permanência se deu por motivos pessoais e específicos.
06	Com relação, a saber, se os respondentes acreditavam na existência de algum padrão de corpo para se praticar a dança as respostas de 8 (oito) pessoas relacionam a visão da sociedade a um físico de um bailarino com corpo magro; outros 6 (seis) porém acreditam não ter corpo perfeito para a dançar e 1 pessoa achava que no passado isso poderia acontecer, porém atualmente tudo isso mudou.

³ As entrevistas foram gravadas em CD e encontram-se disponíveis na biblioteca do Centro Universitário UNIABEU.

07	A pergunta chave, no entanto foi com relação ao motivo do afastamento do participante do grupo, na qual a maioria disse ser falta de tempo em conciliar o seu trabalho com os horários do grupo, ou seja, 11 (onze) dos respondentes disseram isso. Os outros 4 (quatro) apresentaram respostas diferentes.
08	Em seguida e encerrando a entrevista, foi importante a consolidação do fator observável horário e tempo com a última pergunta. Foi perguntado aos participantes se eles pretendiam voltar a participar do grupo e por que o fariam. E aí a grande maioria das respostas 14 (quatorze) dos respondentes disseram que só voltariam se conseguissem conciliar o tempo de trabalho e afazeres pessoais com os horários do grupo. Estes disseram pensar nessa possibilidade, pois gostam muito de dançar e fazer isso no espaço universitário de forma gratuita mostra-se bem apropriado para eles. Apenas uma pessoa respondeu não voltar por estar trabalhando no momento e precisar desse dinheiro para pagar os estudos.

De acordo com as respostas obtidas no quadro, percebe-se que o que não falta nos respondentes é a vontade de dançar, pois os mesmos dizem quase que de forma unânime que foi satisfatória a aula e que gostam de dançar. Além disso, disseram que estariam dispostos a voltar. Isso vem de encontro ao aspecto apresentado neste estudo anteriormente por Coletivo de Autores (2009), que diz ser a dança uma expressão representativa de diversos aspectos da vida do homem, por ser uma linguagem social que permite a transmissão de valores para ele e que representam as suas relações socioculturais. Porém os motivos que os levaram a desistir é que se torna um grande empecilho para isso. Esses “motivos” também foram analisados por este estudo como fatores estimulantes às decisões que o participante teve. Tais estímulos estariam ligados à motivação, pois vimos aqui que a motivação apesar de ser intrínseca ao ser é estimulada pelos fatores extrínsecos considerados neste estudo como cenário propício à motivação, mas também e ao contrário do que muitos dizem, poderia funcionar como um desestímulo, provocando o efeito contrário. É possível ver isso no caso das desistências dos participantes do grupo de dança. Os fatores relacionados a falta de tempo em conciliar a dança, os estudos e o trabalho podem ter gerados nestes respondentes um desestímulo para sua continuidade na participação do grupo de dança. Essa análise vem das abordagens de estímulo e motivação que são relatadas aqui no estudo. Tais motivos geradores encontram-se centrado diretamente na vida atribulada que levam tendo que dividir o seu tempo entre faculdade, trabalho, e o que gostam de fazer que seja dançar. Nesse caso a motivação destes participantes não deixa de existir, no que diz respeito a desejarem dançar. Porém o foco principal da desistência dos mesmos está em como conciliar estas questões de tempo para trabalho e os estudos, com a sua inclusão e permanência no grupo de dança. Cabe aqui repensar as questões que envolvem os horários e dias do grupo de dança para uma melhor oportunidade para os que desejam voltar e permanecer no mesmo.

Considerações Finais

Chega-se ao final desse estudo com a certeza de que o assunto “dança” ainda tem muitas abordagens que merecem um olhar mais específico. Falar de dança para quem gosta, não é difícil. No entanto o desejo seria estender essa linguagem de expressões da dança para um público além deste. O recorte temático do estudo foram as desistências do grupo Dança, Expressão e Ritmo. Para isso foi necessário identificar e analisar os motivos que levaram os ingressantes do grupo de dança a desistirem. Dentre as análises realizadas com a pesquisa de campo, uma não tão expressiva como motivo para as desistências, porém de interessante consideração foi com relação ao que alguns respondentes disseram sobre a questão de corpo e saber dançar. Neste caso recorreremos ao que foi dito aqui no levantamento literário sobre dança e corpo. Assim apontou-se nesse estudo a ideia de corpo ideal, independente de sua plasticidade. Observou-se aqui a assimilação proposta aqui por Daólio (2011) de que o corpo é um espaço privilegiado possível de se encontrar um duplo significado da sua “natureza” por ser biológica e “social” das regras de convivências, não são bem entendidas por alguns. Além disso, a análise literária do estudo nos faz perceber que o dançar é uma expressão corporal que pode ser vista no passado com uma abordagem técnica e classificatória, como o balé, mas que também encontra espaço na atual época com as danças mais “livres” das técnicas rigorosas, como o Jazz e o balé moderno. É a dança então a representação da linguagem corporal a ser considerada dentro desse desejo de dançar, podendo ser esse “dançar” mais livre de alguns rótulos que caracterizam o bailarino/dançarino ideal. Vejamos o posicionamento de um dos respondentes:

Eu olhei e todos tinham aquele corpinho em forma e eu a única gordinha. Fiquei apreensiva com a reação das outras pessoas, do que iriam falar: “O que ela está fazendo aqui?” Esse era o meu pensamento.
(RESPONDENTE “A”)

Na verdade a própria respondente pensa dessa forma. Então esse seria o real motivo para que desistisse de participar? Ao que tudo indica é bem possível que seja. Como já foi dito anteriormente o imaginário não pode ser apenas entendido nessa esfera do corpo “natureza” é precisamos considerar também o corpo “social”. O que é mais

importante na arte de dançar: o corpo que dança ou a expressão e satisfação de quem dança? Eis uma análise para a permanência e captação de novos alunos do grupo.

Assim chega-se ao final deste estudo com algumas respostas pertinentes ao início do mesmo. As questões do aspecto motivacional que dizem respeito às relações sociais que envolvem tempo, condições de permanência entre outros, são apontadas como ponto chave aqui. Percebe-se que a influência da publicidade, o cotidiano atribulado desencadeando na falta de tempo para a sua inclusão no grupo, ou seja, esses são os reflexos mais pertinentes encontrados nas respostas. A maioria exprime desejo em continuar ou regressar ao grupo, porém os horários do grupo fixados naquele momento tornam-se um dificultador para muitos. De acordo com o princípio da inclusão, o ideal seria disponibilizar o direito de todos à prática das atividades físicas, sem discriminação, com igualdade de oportunidades e respeito às diferenças (SILVA e FONSECA, 2010). No caso do grupo de dança há de se reconsiderar as questões que surgem como fator de estímulo/desestímulo a motivação para uma maior possibilidade dos alunos vinculados ao espaço universitário do Centro Universitário UNIABEU, voltar a frequentar ou aderirem ao projeto. Acredita-se que uma possibilidade para isso seria abrir horários alternativos no decorrer da semana para uma maior aderência daqueles que sentem dificuldade em conciliar o momento das aulas do grupo com as atividades e afazeres de seu dia a dia. Uma outra questão seria a captação de novos alunos. Neste caso a sugestão seria divulgar o grupo de dança nas turmas iniciantes de ensino superior pelos próprios participantes, promovendo a adesão de novos integrantes. Percebe-se que provindos de bons estímulos possamos ter uma maior possibilidade de inclusão e permanência destes alunos no grupo Dança, Expressão e Ritmo e assim continuar esse trabalho que oportuniza a aprendizagem corporal expressiva, num espaço dedicado a pesquisa, educação e construção de novos saberes.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Belly. Vida Dança, Dança Vida. Edição: Escola de Cultura Física, Bahia, 1978

DAÓLIO, Jocimar. Da Cultura do Corpo. Campinas/SP: Papirus, 17ª Ed. 2011

FATIMA, Conceição Vianna. Dança: Linguagem do Transcendente. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, Universidade Católica da Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, 2001.

FREIRE, Paulo. A Pedagogia dos Sonhos Possíveis. São Paulo: Ed. UNESP, 2001

HASS, Aline Nogueira. GARCIA, Anelise Cristina dias e BERTOLETTI, Juliana. Imagem Corporal e Bailarinas Profissionais. Revista Brasileira de Medicina e Esporte, v. 16, n. 3 – Mai/Jun, 2010

MARQUES, Isabel A. Corpo dança e educação contemporânea. Pro-Posições v. 9, n2 (26) junho de 1998. Disponível em <http://mail.fae.unicamp.br/~proposicoes/textos/26-artigos-marquesia.pdf>, acessado em 21 de outubro de 2013.

SAMULSKI, Dietmar. Psicologia do Esporte: conceitos e novas perspectivas. 2ª Ed. Barueri/SP: Manole, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 23ª Ed. Ver. Atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, A. P. e FONSECA, M. P. S. O que é Inclusão? Reflexões de Professores acerca desse tema. Efdeports.com, Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - N° 140, 2010. Disponível em <http://www.efdeportes.com>, acesso em 29 de novembro de 2010.

SILVA, A. M. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Corpo, Comunicação e Cultura: a Dança Contemporânea em cena. Campinas/SP: Autores Associados, 2006.

SOBRE O AUTOR:

Possui Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pelo Centro Universitário UNIABEU, Monitoria Acadêmica no Projeto Extensão Acadêmica PROBIN (PROBIN - Projeto de Bolsa de

estudos e Iniciação Científica) sendo monitor do Grupo de Pesquisa Dança, Expressão e Ritmo, no período de 2012.2/2013.2.

SOBRE A AUTORA:

É especialista em Educação, na área da Psicopedagogia Clínica e Institucional. Possui graduação em Educação Física, Licenciatura e Bacharelado, pelo Centro Universitário UNIABEU/RJ e Bacharelado em Administração de Empresas, pela Associação Brasileira de Ensino Universitário. Realizou aperfeiçoamento em Gestão pela Qualidade total, através da Fundação Christiano Ottoni/MG. Atualmente é professora de Educação Física, concursada, da SEEDUC/RJ e SME/RJ. É, também, professora do Ensino Superior, do Curso de Licenciatura em Educação Física no Centro Universitário UNIABEU/RJ, além de Coordenar o grupo Dança, Expressão e Ritmo no espaço universitário, ligado ao projeto de extensão acadêmica PROBIN (PROBIN - Projeto de Bolsa de estudos e Iniciação Científica), no mesmo centro universitário.